

SANTA CATHARINA
BRAZIL

FANAL

REDACÇÃO

Rua Raphael Pardini N. 1

Periodico litterario, humoristico e noticioso

Redactores: Cyro Sandoval e Lionel Muricy.

ANNO I

S. Francisco, 11 de Janeiro de 1916

N. 2

EXPEDIENTE

Assignatura mensal 500 rs.

Numero avulso 200 rs.

Acceptam-se collaborações, ficando a critério da redacção publical-as.

Os originaes devem vir assignados pelos autores.

Toda e qualquer correspondencia deve ser dirigida a „Redacção do Fanal“. Rua Raphael Pardini n. 1.

Nosso apparecimento

Achamo-nos muitissimo esperançados no caminho que traçamos, porquanto as obsequiosas atenções de todos têm sido de uma expontaneidade digna d'aquelles que, comprehendendo o quanto é ardua a nossa tarefa, dispensam-nos o conforto de uma opinião amavel, o carinho de uma felicitação sincera.

Da imprensa local temos recebido a maior prova de affecto, vindo assim dar alentos ao novo irmãosinho conterraneo que encontra sempre em sua carreira mil e tantos obstaculos quasi insuperaveis.

Outro tanto esperamos de toda a imprensa catharinense, pois hão, assim cremos, de relevar as nossas faltas de principiantes na vida jornalística.

* * *

Nossa inauguração teve lugar no dia 1º do corrente as 11 horas da manhã. Acha-se em nossa redacção um grupo de amigos que nos fôra cumprimentar; aproveitamos a occasião para a modesta inauguração de nossa tenda de labor. Usou da palavra o sr. Carlos Pereira que numa al-

lusiva saudação ao *Fanal* «Ihe prometteu o seu auxilio de amigo sincero e de um admirador do tudo quanto possa induzir a mocidade á apreciação da litteratura e cultivo da intelligencia pela fecunda semente da instrução e do progresso.»

A' tarde, foi bastante consolador para nós vermos chegar á nossa redacção um alegre grupo de senhoritas que allí iam levar-nos as suas felicitações, o que muito nos lisongeu.

Essas gentis mocinhas, com seu alegre chilrear de vozes femininas, na doce e profusa harmonia do encanto de risadinhas suaves, fizeram-nos esquecer por momentos o quanto de agro e o quanto de ingratição havíamos encontrado já no pequeno periodo decorrido de nossa existencia.

A SAUDADE

Saudade, teu nome é doce . . .

Saudade! Que cousa é a saudade? Uma utopia, sonho da imaginação, ou resultado de nossas locubrações? Não. A saudade sentimol-a em os nossos corações: é um mixto de alegria e de tristeza; de suaves e doces recordações de um passado que se foi e, ao mesmo tempo, um anhelado ardente pelo futuro que, trazendo-nos o ser amado, suavise as nossas amargas e pungentes dores, si á saude nos permittem chamar — dor.

Tal sentimento quem poderá descrever? Para fazel-o, preciso será primeiro que definam a vida, a luz e tantos outros phenomenos physicos e psychicos, que são como que eternas interrogações para o scepticismo, o materialismo, a incredulidade, enfim, responderem á Crença, á Religião, que nos falam de u'a alma que se não detinha com este envolvero a que chamamos corpo, mas que vóa ao seio immenso da eternidade, este espantalho hor-

rendo que é o eterno pesadelo do scepticismo.

Quantas vezes, pela calada da noite, a alma revê o passado no qual se espelha, pasmando de como o tempo galopêa e vô, sem quasi sentir-se!

Quantas vezes, uma carta, um livro, um objecto qualquer, insignificante, não raro, não desperta em nós tantas imagens e scenas que já se foram envoltas no véo do passado?!
* * *

Saudade, doce flôr da solidão.

Saudade é o amante, longe, anciando ver o ser amado que lhe doura os sonhos d'alma; é o orphão que chora pela mãe carinhosa ou pelo pae extremoso; é o esposo pranteando a separação da esposa, ou esta chorando ao lembrar-se por aquelle; é a mãe chorando ao lembrar-se do filho d'alma que era a alegria e a joia do lar, mas que, um dia, enfermou e . . . morreu! Saudade é o exilado que anheia voltar á patria; é o ancião de prateadas cans, recordando ás creanças sua infancia e mocidade, para elle tão cheias de encantos; é, tambem, o crente suspirando por ver Jesus e a eterna morada dos justos — o céu.
* * *

Oh! saudade, doce flôr da solidão, quanto nós falla á alma.

Si razão tinha, pois, o poeta para interrogar — „que fôra a vida, si nella não houverá a lagrima?“ — cremos poder paraphraseal-o, interrogando; — Que fôra a vida sem a saudade que, lembrando-nos o passado, nos faz sonhar com o futuro?“

Eis porque te veneramos, ó saudade, doce flôr da solidão, ó doce companheira, que de continuo vens visitar-nos ás horas mortas da noite ou á hora mysteriosa do crepusculo.

Itajahy, 5-1-1916.

Julnog



Perfil feminino

I

Morena, de um moreno côr de jambo sazonado, que se impõe a todos que tem a ventura de contemplal-a. Estatura mediana; penteado á Cléo.

Seus olhos, da côr das noites sem luar, trazem nas suas iris melancholicas a mais perfeita harmonia dos bellos dons de seu coração bem formado e affeito ás vicissitudes da existencia. — Não é chëia de corpo, porém, isto não altera a sua primorosa elegancia.

Retrahida, é raro encontral-a á passeio.

E' apreciadora esmerada das bellas letras, musica e de tudo quanto é bello, util e agradável.

Quando vae a um baile captiva o cavalleiro com quem dança, já por sua palestra agradável, já por ser eximio par.

Apreciamol-a muitissimo quando vestida de branco, pois essa côr que exprime a candura, senta-lhe divinamente.

Seu nome é oriundo de um delicado membro da apreciada familia das orchidéas.

Não chores . . .

A priminha

Eulina, vem cá. Aconchegu-te ao meu coração, quero dar consolo ás lagrimas que assiduamente fonteam-se em teus olhos. Quero enxugal-as com este pequenino lenço, que me fôra dado outr'ora por minha madrinha, a tua bôa e santa mãe que, a estas horas, recreiando-se em terras tão distantes, certamente, volvendo á nós seu pensamento, abençoará esta reciproca amizade que vamos tendo.

Não quero ver-te chorosa; desejo, antes, que renasça em teus labios o riso expansivo de uma alegria indiscriptivel, olvidando dessa forma a negativa de uma paixão que vem dilacerando teu coração de creança ingenua.

Vamos, procura em mim a confiante dos teus segredos, que, mais velha que tú, saberei minorar o teu soffrimento, dando alivio á essas dores trazidas por um amor mentido . . .

E's muito joven ainda e, por isso, agasalhas ficticias esperanças oriundas de olhares enganadores.

Cessa este pranto que, amargurando tua alma, vem assás entristecer-me . . .

Levanta-te, dá-me o braço e vamos pe correr o jardim, onde, embebida no olô benéfico que se exhala das flores, reaparecerá ás tuas faces a rosea côr e terás vida, muita vida, pois a aragem sofando levemente viria refrescar a tua fronte escaldada pelo fervilhar de uma paixão funesta.

Não chores mais priminha, vamos, sim? Desprende das madeixas de teus cabellos essa fita preta emblema da tristeza e, em troca, colloca um laço de fita verde, pois o verde é esperança e esperando serás futuramente feliz . . .

Alice

A ESPERANÇA

Que de bello e sublime ha nesta palavra — Esperança!

Como é lindo de ver-se este presentimento bom, animador, apoderar-se de uma idéa ou de uma aspiração nossa por mais difficil e inconcebivel que pareça.

Uma confiança quasi absoluta depositamos nesse fanal meigo, que em meio dos abrolhos mais perigosos guia-nos sempre ao objecto de nossos idealizados sonhos e sublimes pensares.

Sem a Esperança que seria de nós no labutar continuo de todos os dias? — E' ella o pharol desejado ao nauta perdido no procelloso e negro mar da vida!

Quem, senão a Esperança, conforta ao desvalido; acompanha ao pobre cego no desejo ardente de ver a luz radiosa e ao surdo no de ouvir os melodiosos sons da suave musica.

E' a unica consoladora dos espiritos apaixonados, desilludidos, já pela ingratião acerba, já pelo desprezo da pessoa amada, conduzindo-os ao triste paiz da Resignação onde, talvez, encontrem o esquecimento.

Sim, porque é no amor que ella se revela mais intensa, arrebatadora, alcançando proporções assombrosas, apesar desse indifferntismo forçado, cheio de pessimismo doentio e morbido.

Dizem que ellè, o Amor, não passa de uma phantasia, o maximo expoente da fraqueza humana. E' que elles, coitados, já têm forçosamente esquecido, fingindo ignorar, que sem o amor não haveria a doçura do beijo materno, o divinal encanto de esposa, emfim, a felicidade no que ha de mais bello.

E si a esperança não cumpre tudo o que affigamos, fazendo a nossa imaginação idealisar, ao menos consola, alenta, fortalece o nosso espirito, o que já é um balsamo suavizante para a nossa fragil natureza humana.

Ella é uma scentelha do amôr de Deus.
Alcestis

GUICHET

Sr. Dorizon — Chegou tarde. E' obsequio vir á nossa redacção.

Sr. Celio — Será fineza si vier á nossa redacção.

Necessitamos fallar consigo.

ECHOS E NOTAS

Tiveram a dentileza de visitar-nos:

Senhoritas: Amanda Horstmann, Anna Horstmann, Carmen Oliveira, Erothides Pereira, Glaucia da Costa, Gilda Sant'Anna, Laura Oliveira, Maria M. S. Thiago, Maria

FOLHETIM

Um excentricão

Novella escripta especialmente para o

«Fanal», por

Celso Muniz

I

(Continuação)

Quadros de Teniers, de West, de Ticiano e de Watteau, reproduzindo cabeças de mulheres, trechos de campos, nesgas de céus e de mares, scenas á lareira com velhinhas a fiar, — uma infinidade de motivos, — cobriam as paredes, e pelos cantos em tripodes altas, de madeira cara, pedaços

de marmore de Carrara e de Pentelico plastisavam-se em allegorias masculas . . .

Com os stores verde-matte corridos uma penumbra suave andava ali por dentro, e a que os tapetes escuros e os reposteiros pezados mais accentuavam.

Numa dessas salas via-se tambem um lindissimo piano Erard em que ainda ninguem executara os trechos selectos de Chopin ou de Schubert e nem mesmo o „Meu boi morreu“, que se enfileiravam em encadernações luxuosas numa estante de ebano.

Contiguo, era a bibliothca austera e silenciosa, onde as melhores obras litterarias e scientificas, como guardas avançadas da sabedoria humana, se perfilavam por aquellas prateleiras encadernadas em marroquim e em eujas lombadas se liam em letras de ouro os seus titulos pomposos.

Os livros, o piano, os quadros, as esta-

A. de Carvalho, Maria A. de S. Thiago, e Zillá M. da Costa;

Senhoras: D. D. Albertina Olivet e Herminia Vieira;

Senhores: Alfredo Vieira, Cicero C. Claudio, Jesuino A. de Jesus, Joaquim da S. Junior, Leoncio Costa, Manoel D. de Carvalho e Navarro Lins;

Jovens: Annes Gualberto, Antonio Guerreiro, Antonio Lima, Bento Carvalho, Bernardo Stamm Junior, Carlos Pereira, Carlos Garcez, Eurico Tolentino, Francisco Fonseca, Francisco M. de Souza, Gustavo Pfau, Luiz Greca, Nathanael Oliveira, Pompilio Claudio, Rogerio Vieira, Rodolpho Faria, Sergio N. Filho, Saul Silva e Zacharias da Silva. Penhorados.

—:—

Recebemos do sr. João S. Nobrega um attencioso cartão de felicitações pelo Novo Anno. Gratos.

—:—

Pelo sr. Saul Silva, digno representante da C. Singer, nos foi offerecida uma folhinha para 1916. Agradecido

—:—

A' 6 do corrente, foi muito cumprimentada por suas amiguinhas a gentil senhorita Elsa Oliveira, por motivo de seu natalicio. Felicítamol-a

—:—

Em gozo de ferias acha-se, em visita á sua familia, nesta cidade, a senhorita Zaira Serrão, propecta alumna da Escola Complementar de Joinville.

Pelo sr. Antonio Serrão fomos brindados com uma folhinha explicativa do acreditedo estabelecimento de ensino „Grupo Escolar Conselheiro Mafra“ de Joinville. Agradecemos.

—:—

Diversões

Radium Cinema

Hoje haverá sessão *chic* com o portentoso drama em 3 partes **Margot**.

1ª Parte — **O sol para as flores**

2ª Parte **O amor para a alma**

3ª Parte — **Sonho e realidade**

Seu enredo é fino e artistico e será emocionante para os espectadores as enormes dificuldades e impecilhos que uma jovem encontra para poder dominar uma paixão que lhe dilacera uma a uma as fibras de seu coração sensível e meigo.

Brevemente: O Castello de Pemperley — magestoso drama em 5 longos actos, da propecta fabrica „London“.

—:—

Realisar-se-ha dia 15 o concerto artistico no club XXIV de Janeiro, cujo programma será atrahente e de fino gosto.

—:—

Pensamento de um Foot-Baller

A minha vida é como o *Foot-Ball* do qual eu sou a bola que, sobre o *ground* da descrença, aos *schoots* da infelicidade e aos embates crueis da desventura, rolla sem encontrar o *goal* da felicidade.

Zul.

tuetas, o mobiliario, tudo que existia na casa de Gilberto preenchia um fim unico — *fingir* . . .

E por isso elle me dizia em segredo, soltando uma baforada de fumo e quebrando a cinza do cigarro: — Apparentar é tudo na vida . . . O numero de basbaques, como o de estultos, é infinito . . . E' raro quem não soffra a influencia das apparencias! . . .

II

Gilberto era um homem methodico. Levantava-se ás 8 horas da manhã e depois de sahir do banho, de um banho tonificante, onde elle lia meio immerso na agua perfumada do banheiro de pedra calcarea côr de rosa, uns contos de Maupassant ou uns humorismos de Mark Twain, — dava umas voltas pelas alamedas do jardim, trauteando uns trechos de cançoneta, eortava duas flores para o jarro de seu gabinete, tomava

o café e passava uma vista de olhos pelos jornaes.

Era assim todos os dias. Quando o tempo estava de chuva, enfiava por cima da pyjama um *watter-proof*, calçava as galochas e, de guarda-chuva armado, lá ia pelas mesmas alamedas, imperturbavel, ao passeio hygienico.

Sempre lhe notei muita intelligencia e muito gosto artistico, nunca me conformando com as suas idéas sobre as apparencias, caso que eu levava á conta das suas excentricidades.

Das observações que vinha fazendo sobre elle, conclui pelo reconhecimento de uma superioridade estragada pelo meio, banalizando-se nessa preocupação morbida de se fazer notado a todo o custo atravez dos artificialismos que gritassem á sociedade a sua pessoa inconfundivel e os seus gostos requintados.

(A seguir)